

As relações entre escola de samba e Igreja e os espaços de diálogo dos trabalhadores do Morro da Caixa (Mont Serrat), Florianópolis, 1955-1965.

Camilo Buss Araujo* - PPG-UFSC

A história de um bairro, antes de se tratar de uma análise restrita aos acontecimentos de uma determinada localidade ou, ao contrário, simples expressão da conjuntura regional e nacional, aparece, para o historiador, como uma possibilidade de reconstruir histórias de trabalhadores para além de seu local de trabalho. Compreender o bairro em sua dinâmica interna, suas redes de relacionamentos – estabelecidas entre seus moradores ou com os agentes políticos – fornece-nos outros instrumentos para entender a complexidade de relações e comportamentos de pessoas comumente investigadas apenas no espaço produtivo. O local de moradia e suas demandas, no entanto, não podem ser entendidos desvinculados do espaço de trabalho, uma vez que as pessoas atuam, simultaneamente, nestes dois universos. O “universo” da moradia e o “universo” do trabalho, portanto, assim como o bairro e a cidade, estão interconectados pelas experiências e práticas cotidianas dos trabalhadores, vistos nesta perspectiva como atores sociais. Dessa forma, se percebemos que a vida do bairro está diretamente vinculada à vida da cidade, torna-se necessário observar quais são seus canais de interlocução onde os jogos de poder e as disputas por direitos são travadas. Neste caso, o Morro da Caixa d’Água (atualmente conhecido como Mont Serrat), a partir da década de 1950, apresenta alguns elementos instigantes para se tentar compreender os espaços de diálogo das camadas populares na cidade de Florianópolis.

Nesse período, verificam-se inúmeras festas religiosas no morro, ligadas à Igreja Católica, assim como a presença do padre Agostinho Sthaelin nas celebrações na capela do bairro – personagem muito lembrado pelos moradores por seu engajamento social e preocupação com o bem-estar da localidade. Nessa época também, mais precisamente no ano de 1955, é fundada a escola de samba Embaixada Copa Lord, uma das principais escolas de samba da cidade de Florianópolis, cuja sede se localiza no Morro da Caixa.

Ademais, são nos anos de 1950 que começarão a ter visibilidade na estrutura interna do morro aquelas que hoje são lembradas como as três grandes famílias do Morro da Caixa, famílias Cardoso, Veloso e Barbosa, migrantes da região do Alto Biguaçu, atual município de Antônio Carlos, que enxergam em Florianópolis outras formas de sobrevivência diferentes da vida rural do seu local de origem.

Florianópolis, no começo da quinta década do século XX, apoiava-se, principalmente, na função administrativa de capital do Estado. No entanto, a idéia de “modernização” da cidade aparecia em planos elaborados por políticos, urbanistas, empresários no intuito de retirar Florianópolis de sua presente situação, considerada por eles como atrasada. Sendo assim, no ano de 1952, uma equipe de arquitetos e urbanistas é contratada pela prefeitura para elaborar o primeiro Plano Diretor da cidade. Em suas análises, a existência de chácaras dentro do perímetro urbano pertencentes às famílias tradicionais bem como os casebres nos morro próximos ao centro constituíam-se elementos explicativos do atraso da cidade.

Estes núcleos, que tomam conta de Florianópolis, como em outras cidades brasileiras (Rio, Recife, Porto Alegre, etc.) com a feição de *verdadeiros aldeamentos primitivos*, são a mais viva *expressão urbanística de nosso atraso econômico* (...) [Também a] ausência de indústrias modernas e a natureza das ocupações da população florianopolitana explica o *ritmo relativamente lento* de vida que, por sua vez, nas circunstâncias acima mencionadas, *concorre para a dispersão das habitações* e a baixa densidade do conjunto urbano.¹

A alavanca do progresso da cidade seria, para os elaboradores do Plano Diretor, a construção de um moderno porto, responsável por dinamizar a economia local e que se localizaria no bairro do Estreito, situado na parte continental da cidade, uma vez que tanto o turismo quanto a universidade seriam apenas apêndices em relação à função portuária. Ao Estado, conseqüentemente, caberia a função de investir prioritariamente em infra-estrutura garantindo assim a industrialização, discurso este que estava em consonância com o ideário desenvolvimentista dos anos de 1950.

À frente da epopéia desenvolvimentista de Florianópolis estavam grupos antagônicos, vinculados às linhas oligárquicas catarinenses remanescentes da República Velha, disputando voto a voto o direito de planejar o futuro urbano da cidade. Os embates estavam abrigados nas legendas do PSD e da UDN, representando, respectivamente, as famílias Ramos e Konder-Bornhausen. Os udenistas, que se agrupavam, de maneira geral, em torno da figura de Adolfo Konder, retornavam ao poder no início dos anos de 1950 após serem afastados pela revolução de 1930. O PSD, por sua vez, hegemônico durante o Estado Novo e liderado pelo então interventor federal Nereu Ramos, tornava-se oposição e almejava o retorno ao poder, disputando com a UDN a preferência eleitoral dos catarinenses.

É nesse momento, nos anos de 1950, que se dará o início da verticalização da cidade de Florianópolis e a expansão da construção civil, tendo no Estado seu principal impulsionador.² Apesar da cidade apresentar um processo de crescimento urbano ainda incipiente, os planos de fazer de Florianópolis uma cidade turística, com empreendimentos vinculados à construção civil como loteamentos e rede hoteleira, estavam presentes no imaginário da elite política e tentavam sair do papel de maneira pungente no final dos anos de 1950.³ Sendo assim, o turismo, atividade que aparecia como símbolo do futuro, desenvolvia-se atrelado a antigas lideranças políticas, ou seja, um futuro controlado por aqueles que almejavam se perpetuar no poder.

Acredita-se não ser mera coincidência que o grande surto populacional do Morro da Caixa deu-se justamente na década de 1950 com a vinda de famílias oriundas da região de Biguaçu e Antônio Carlos (na época chamado de Alto Biguaçu), cidades próximas da capital, muitas destas pessoas, inclusive, trabalhadores da construção civil. João Ferreira de Souza, morador do Morro da Caixa desde a década de 1930, ao ser perguntado sobre quando foi o período de maior crescimento populacional, lembra: "... década de 50 ou 60, é por aí. Foi quando começou essa evolução de prédios."⁴ Carlos Cardoso, membro de uma das famílias mais numerosas do morro, a família Cardoso, recorda sua chegada ao Morro da Caixa:

“Cheguei ao Mont Serrat em 1958, tinha uns 10 anos. (...) Meu pai quando foi sair do interior foi comprar um terreno lá no alto do morro, bem acima da Igreja, próximo ao Pastinho.”⁵

Desse modo, podemos supor que as transformações urbanas da cidade se refletem diretamente na construção das relações sociais de seus bairros e, com relação ao Morro da Caixa, introduzem novos atores na vida da urbe. Entender a complexidade desta conjuntura na qual o bairro está crescendo numericamente, contendo em seu bojo inúmeras relações entre novos e velhos moradores, ao passo que dialoga constantemente com as autoridades políticas constituídas na cidade, torna-se um desafio que procura desvincular a análise das ações de homens e mulheres da simples subordinação e assimilação passiva aos comandos de alguma liderança política carismática. Por conseguinte, os termos populismo, assistencialismo, clientelismo nos parecem insuficientes para compreender estas relações.

No bojo das disputas entre PSD e UDN pela supremacia política catarinense, verifica-se, em Florianópolis, o predomínio do primeiro tendo na figura de Aderbal Ramos da Silva o grande chefe político local. O Partido Social Democrático buscava, desta forma, a manutenção de sua hegemonia na capital através de dois veículos de comunicação de massa, a rádio Guarujá, fundada em 1945, e o jornal O Estado, comprado em setembro do mesmo ano. Ambos tornam-se importantes órgãos de divulgação do pessedismo em Santa Catarina.⁶ Segundo Carreirão, estes investimentos forneceram ao partido “uma sólida estrutura de comunicação, em grande parte sob o controle direto de um dos membros mais proeminentes da oligarquia Ramos: Aderbal Ramos da Silva.”⁷

Nesse sentido, a fundação da escola de samba Embaixada Copa Lord, em 1955, e sua repercussão na imprensa local instiga algumas observações. A Copa Lord, mesmo antes de ser fundada oficialmente, tem, no ano de 1955, o jornal A Gazeta como seu principal divulgador – por outro lado, no jornal O Estado não aparece nenhuma menção à escola antes do carnaval. Um mês antes do carnaval aparecem dizeres na coluna carnavalesca de A Gazeta exaltando a nova escola de samba ao afirmar que “a sua turma é da folia e promete desacatar neste carnaval, com seu ritmo candente e sobretudo, com suas ‘cabrochas’ alegres e saltitantes.”⁸

Intrigante é que dois anos mais tarde, em 1957, a Copa Lord apresenta um programa que ia ao ar todos os domingos na rádio Guarujá⁹, veículo de comunicação ligado ao PSD assim como o jornal O Estado, que não dera repercussão alguma para suas movimentações antes do carnaval de 1955. Portanto, a suposição de uma escola vinculada a determinado partido ou grupo político parece estar equivocada. Talvez um olhar atento sobre a conjuntura de Florianópolis neste período e nas formas de interlocução entre o bairro e a cidade nos forneça algumas respostas.

Ao comentar sobre as redes de relações estabelecidas entre políticos e classes populares, Lohn destaca o papel proeminente de Aderbal Ramos da Silva, afirmando que ele “...era o principal beneficiário e condutor de um mecanismo de dominação e controle social que constituía-se através de práticas caritativas, redes de interesses entre políticos e empresário e utilização intensa de recursos dos fundos públicos, reproduzindo e mantendo relações de poder que eram uma grande máquina eleitoral.” A “rede assistencial”, segundo ele, passava pela relação entre política e Igreja, um sistema que abrigava instituições como asilos, abrigos, organizações religiosas que voltava-se para o atendimento das necessidades imediatas das classes populares. Como interlocutores das demandas populares apareciam “as esposas de políticos e empresários, as autoridades eclesiásticas e figuras de reconhecimento público notório.”¹⁰

Nesse sentido, podemos constatar uma aproximação entre a realidade local e as orientações seguidas pela Igreja Católica no pós-guerra. Uma Igreja engajada socialmente – porém radicalmente diferente da teologia da libertação que nascerá anos depois – disposta a camuflar o antagonismo entre capital e trabalho, oferecendo o humanismo cristão como alternativa em busca de um capitalismo solidário e do desenvolvimento do país. Nesse momento, “propunha-se um novo modelo de cristandade, ao sabor das encíclicas papais e da filosofia humanista cristã, onde a Igreja influenciaria as esferas de decisão pública e assumiria a execução de um projeto social em conjunto com o Estado brasileiro.”¹¹

Portanto, o florescimento de um humanismo cristão combinado com ações solidárias, em busca do apaziguamento das diferenças sociais e da construção do projeto

desenvolvimentista brasileiro, parece combinar com a “rede assistencial” mencionada anteriormente na cidade de Florianópolis. A Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat pode, nesse caso, nos informar sobre como o Morro da Caixa d’Água vivenciou esta conjuntura histórica, uma vez que é uma instituição do bairro, vinculada à Igreja e apoiada pelo padre Agostinho Sthaelin.¹²

A Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat exercia funções como assistência às pessoas doentes, auxílio financeiro para custear gastos com funeral se, por ventura, um associado (irmão) viesse a falecer, construções de muros e reparos na igreja. Entretanto, a atividade que mais repercutia no cotidiano do morro e na vida da cidade era a organização das festas, ligadas à Igreja evidentemente. Organizavam-se missas festivas em homenagem a “N. S^a Santa Cruz”, ao “S. S. Coração de Jesus”, a “Santa Terezinha” além do evento religioso mais importante do bairro, a festa de “Nossa Senhora do Mont Serrat”, padroeira do morro.

A festa de Nossa Senhora do Mont Serrat era um evento que transcendia a dimensão religiosa. Durante quatro dias o morro ficava repleto de barraquinhas, músicas, organizados pela própria Irmandade. Era um evento que ultrapassava as fronteiras do morro, verificando-se a presença de políticos e pessoas de outros bairros da cidade. No entanto, a festa não tem, necessariamente, o ar de conagração e harmonia que geralmente se supõe. Ao contrário, neste momento, onde diferentes atores contracenam no mesmo palco, é que o teatro das relações sociais aparece indicando conflitos e disputas entre os sujeitos.

No ano de 1954, a Irmandade, ao encaminhar os preparativos para a festa de Nossa Senhora do Mont Serrat, designou Pedro Kincheski, 2^o Secretário, e Amador Gonçalves, procurador, para providenciar o alto-falante do evento. O resultado foi a doação do aparelho de alto-falante feita por Aderbal Ramos da Silva, personalidade cujos laços políticos já foram mencionados.¹³ Alguns meses depois, ao iniciar os preparativos para a festa em louvor à Santa Cruz, a Irmandade manda um ofício “ao Sr. Delegado de Polícia pedindo 2 praças para manter a ordem nos 4 dias de barraquinhas...”.¹⁴

Pode-se concluir, portanto, que as festas possuem diferentes significados. Para alguns, e nestes se enquadram muitos políticos locais, esses eventos podem significar oportunidades de conquistar votos e arregimentar cabos eleitorais. Para outros, as festas podem ter pouco, ou nenhum, sentido religioso, sendo um espaço que oportuniza a sociabilidade entre moradores do bairro e desses com outras pessoas de outros bairros, onde as relações interpessoais – amizade, namoro, brigas – se tecem, mas também aparecem as desavenças e a heterogeneidade das pessoas que ali coexistem, caso contrário, não seria necessário apelar para o “Sr. Delegado de Polícia” o envio de dois praças para “manter a ordem”.

Entretanto, apesar das festas possuírem múltiplos sentidos para seus freqüentadores, podemos afirmar que a Igreja, através de suas organizações, firmava-se como um espaço de diálogo entre a elite política da cidade e o morro. Isso não quer dizer que estas organizações serviam como veículo de transmissão político partidária de um determinado partido, mesmo porque não era só o PSD de Aderbal Ramos da Silva que oferecia “presentes” à população do bairro.¹⁵ Suas alianças eram pontuais. Suas deferências explicitam um acordo bem sucedido entre as partes envolvidas onde os interesses de ambos foram alcançados.

Desta forma, é necessário observar que no cerne da economia de favores apresentada pelas relações de cunho assistencialista podem aparecer territórios de diálogo, espaços onde as reivindicações das classes populares vêm à tona. Nessas reivindicações as pessoas não têm uma referência ideológica ou o objetivo de romper com o sistema que os oprime, mas de procurar brechas neste sistema e, a partir dali, lutar por melhorias cotidianas que, em sua noção prática de cidadania, elas consideram como direitos. Portanto, ao analisar organizações como a Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat – assim como a Copa Lord que necessita de uma análise mais pormenorizada -, estamos olhando uma complexa teia de relações na qual interesses comuns das pessoas do bairro e os interesses eleitorais de grupos políticos são colocados na arena de negociação – no caso, a Irmandade – cujos representantes têm a função de garantir sua legitimidade enquanto

líderes perante os moradores pressionando os políticos para que tenham suas reivindicações atendidas. Parece-nos, portanto, que as práticas chamadas de populistas ou assistencialistas são um pouco mais complexas do que a simples aceitação e subordinação das classes populares e que, por baixo da espuma do clientelismo, existem trocas, tensões, consensos, disputas e um oceano de relações.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ PLANO DIRETOR DE FLORIANÓPOLIS, 1952. Apud. RIZZO, Paulo Marcos Borges. **Do urbanismo ao planejamento urbano**: utopia e ideologia. Caso de Florianópolis, 1950-1990. Florianópolis, 1993. 181 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. p. 20.

² No final dos anos 40 e início dos anos 50 surgem os primeiros edifícios, ambos no centro, a sede do Banco do Brasil e a sede do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado. Para mais informações ver: FACCIO, Maria da Graça Agostinho. **O Estado e a transformação do espaço urbano**: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. Florianópolis, 1997. 186 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. p. 30.

³ Tem-se como exemplo, em 1957, a iniciativa da Imobiliária Jurerê, cujo diretor-presidente era Aderbal Ramos da Silva, de se criar um moderno balneário na Praia do Forte, plano que corroborava com a vontade de fazer da capital do estado uma cidade turística e pronta para o futuro. Aderbal era o ex-governador do Estado, um dos principais dirigentes do PSD, sobrinho de Nereu Ramos e casado com a herdeira do grupo empresarial Hoepcke, na época o maior da cidade. Para mais informações ver: LOHN, Reinaldo. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana Florianópolis, 1950 a 1970. Porto Alegre, 2002. 442 f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Entrevista com João Ferreira de Souza, concedida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, 28 de agosto de 2002.

⁵ Pastinho é uma região do Morro da Caixa d'Água onde a maioria dos migrantes do Alto Biguaçu se estabeleceu. Entrevista com Carlos Cardoso concedida a Camilo Buss Araujo em 2 de julho de 2002.

⁶ PIAZZA, Walter F. (org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 589. Por outro lado, o jornal A Gazeta, após 1950, era claramente udenista, rivalizando com O Estado na tentativa de ganhar votos para seus apoiadores.

⁷ CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistema partidário em Santa Catarina (1945-79)**. Florianópolis, 1988. 278 f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 51.

⁸ Prelúdios do famoso carnaval de Florianópolis. **A Gazeta**, Florianópolis, 27 jan. 1955.

⁹ TRAMONTE, Cristiana. **A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis**: a construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval. Florianópolis, 1955. 301 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. p.86.

¹⁰ Essas informações aparecem em: LOHN, Reinaldo Lindolfo. Op. cit. p. 39, 40, 41.

¹¹ SOUZA, Rogério Luiz de. **A reforma social católica e o novo limiar capitalista (1945-1965)**. Curitiba, 2001. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. p. 117.

¹² Padre Agostinho explicitou seu apoio aos trabalhos da irmandade em cerimônia realizada no dia 19 de agosto de 1956, data da posse da nova diretoria. Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat. **Ata da sessão realizada no dia 19 ago. 1956**. Livro 3.

¹³ Irmandade de Nossa Senhora de Mont Serrat. **Ata da sessão nº 99, realizada no dia 2 set. 1954**. Livro 3. e Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat. **Ata da sessão nº 100, realizada no dia 28 out. 1954**. Livro 3.

¹⁴ Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat. **Ata da sessão nº 106, realizada no dia 21 abr. 1955**. Livro 3.

¹⁵ Em julho de 1956, a Irmandade louva a sra. primeira dama do estado, esposa de Jorge Lacerda (pertencente ao PRP e apoiado pela UDN), pela doação de cobertores aos “pobres” do morro. Acompanhou-a em sua excursão pelo bairro os políticos Osvaldo Bulcão Viana e Paulo Fontes, ex-prefeito da cidade (UDN). Irmandade de Nossa Senhora do Mont Serrat. **Ata da sessão nº 112, realizada no dia 29 jul. 1956**. Livro 3.